



VELHOS URBANOS E A PRÁTICA DO JOGO DE CÂMBIO EM PRAÇA PÚBLICA: UM ESTUDO DE CASO

Suzana Hübner Wolff
Cláudia Deise Bock Martins
Gabriela Peters Lumertz

RESUMO

Esta pesquisa em andamento está sendo desenvolvida junto a um grupo de idosos que praticam regularmente o jogo de câmbio em uma praça pública no município de São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil. O fato de ocupar a praça jogando ou praticando outras atividades físicas, remete a visualização de condutas positivas da velhice contemporânea no meio urbano. Esta produção se justifica pela realidade crescente do número de idosos da população brasileira que buscam atividades de promoção da saúde e pela especificidade da ação (jogo de câmbio) e contexto (praça pública). O objetivo do estudo é identificar significados atribuídos pelos praticantes ao vivenciarem esta experiência. Por se tratar de um estudo de caso, foi utilizado o recurso de observações e entrevistas semi-estruturadas com os sujeitos praticantes da atividade para a coleta de informações. Como análise parcial de dados, pode-se perceber que os velhos deste grupo, optam por esta atividade não somente pela prática em si, mas também para conviver, praticar exercícios ao ar livre, encontrar amigos e estreitar relações.

Palavras chave: envelhecimento humano, jogo, praça pública.

ABSTRACT

This ongoing research is being developed with a group of seniors who regularly practice the game of exchange in a public square in the city of Sao Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brazil. The fact of occupying the square playing or doing other physical activities, refers to visualize the positive behaviors in the urban contemporary age. This production is justified by the reality of growing numbers of elderly in the population who seek health promotion activities and the specificity of action (game currency) and context (public square). The objective is to identify meanings by practitioners when they experience this experience. Because it is a case study, we used the feature observations and semi-structured interviews with the subjects of practitioners activity to gather information. As a partial analysis of data, one can see that this older group, opt for this activity not only by the practice itself but also for socializing, exercising outdoors, meet friends and strengthen relationships.

Keywords: human aging, game, the public square.

RESUMEN



Esta investigación en curso se está desarrollando con un grupo de personas mayores que practican regularmente el juego de cambio en una plaza pública en la ciudad de Sao Leopoldo, Río Grande do Sul, Brasil. El hecho de ocupar la plaza a jugar o hacer otras actividades físicas, se refiere a visualizar el comportamiento positivo en la época contemporánea urbana. Esta producción se justifica por la realidad de un creciente número de ancianos en la población que buscan actividades de promoción de la salud y la especificidad de la acción (moneda del juego) y contexto (plaza pública). El objetivo es identificar los significados por practicantes cuando sufren esta experiencia. Debido a que es un estudio de caso, hemos utilizado la función de las observaciones y entrevistas semi-estructuradas con los sujetos de la actividad de los profesionales para recabar información. En un análisis parcial de los datos, se puede ver que este grupo de mayores, de optar por esta actividad no sólo por la propia práctica, sino también para socializar, hacer ejercicio al aire libre, reunirse con amigos y fortalecer las relaciones.

Palabras clave: *envejecimiento humano, plaza publica, juego*

Introdução

Neste estudo em andamento, abordamos temáticas referentes ao envelhecimento humano na contemporaneidade e suas implicações na sociedade, nos programas de esporte e lazer e de promoção da saúde dos sujeitos que envelhecem. De forma contextualizada, objetivamos refletir sobre o fenômeno da prática regular do jogo de câmbio por idosos, em ambiente urbano, no caso a praça pública, identificando significados atribuídos por eles ao vivenciarem esta experiência.

Acreditamos que esta produção se justifica pela especificidade da atividade física desenvolvida, ou seja, o jogo de câmbio, que vem a ser uma prática similar ao voleibol, e pelo lugar da ação, que é a praça pública. Outro fator relevante, de cunho social, é o crescente número de idosos da população brasileira que buscam atividades de promoção da saúde, e que infelizmente encontram poucas opções de programas e projetos que promovam o jogo como elemento dinamizador da qualidade de envelhecer.

Neste contexto, o jogo pode vir a ser um importante auxílio para as rupturas de barreiras pessoais e sociais frequentemente observadas nas relações interpessoais. O jogo também possibilita a conquista de direitos, como por exemplo, o direito ao lazer, ao brincar, à liberdade individual e de toda uma geração. Praticar o jogo na velhice pode ampliar esta gama de significados, incluindo a contribuição para a construção de novas imagens das pessoas idosas, que, de forma importante, estão sendo edificadas por elas e pela compreensão que elas têm sobre o mundo que estão ajudando a construir (BARBOSA e CAMPAGNA, 2006).

Buscamos responder ainda algumas inquietudes: Porque os idosos buscam o jogo de câmbio? O que significa jogar câmbio quando se está velho? E ainda: Por que na praça pública? Estes são alguns dos questionamentos que mobilizam o aprofundamento investigativo, e podem vir a contribuir para a construção dos conceitos e análise dos referenciais para as práticas de ensinar e aprender o Jogo de Câmbio dentro de programas de esporte e lazer para a população idosa. Para problematizar ainda mais essas inquietações, percebemos que é importante verificar o perfil do sujeito que ingressa nesta prática, e



o que o motiva, seja pela perspectiva de mudança de cotidiano, por uma prática esportiva, para conhecer outras pessoas, pela busca da saúde, ou outros.

Mas o que acontece na velhice? O que é ser velho?

Considerações teóricas

Par dar sustentação ao objeto da pesquisa, iniciamos uma análise sobre os conceitos de saúde ao longo do tempo. Percebemos que as opiniões mudaram e continuam em frequentes transformações. Tradicionalmente, quando pensamos em saúde, logo a ligamos a doenças, à prevenção de doenças; e não à saúde em si e sua promoção. Carvalho (2007), diz que “(...) procurava os serviços de saúde quando já estava doente. Assim, é urgente implementar políticas que atuem na prevenção e protejam a saúde visando a garantir os direitos do cidadão.”(p.32). É possível relacionar a afirmativa de Carvalho, focando nos conceitos concebidos frente ao entendimento de saúde. Pensemos então na sociedade contemporânea que estamos inseridos, a corrida por bem-estar volta a tornar-se foco diante de rotinas estressantes de trabalho, responsabilidades, trânsito e compromissos. Com tantos agravantes, precisamos cercar-nos de estratégias como garantias de qualidade de vida. Para Luz (2007), “O esporte, a dança, o namoro, as relações sexuais, o alimentar-se, o dormir, o caminhar, o trabalhar, tudo pode e deve ser visto como *prática de saúde*.” (p. 103). Nela cada tema terá uma relevância maior em certo momento, favorecendo uma formação contínua e os desafios da articulação em seu campo de conhecimento.

Frente a outros conceitos tradicionais, também refletimos sobre a perspectiva histórica do envelhecimento humano, e percebemos grandes diferenças nas constituições que hoje representam a velhice. As construções das identidades se estabelecem em uma relação com seu tempo, e sua cultura, diante de complexidades impostas nesse tempo. Que papel era destinado aos velhos? Quais as expectativas que se esperavam deles? Na área da Educação Física, por exemplo, os jogos em geral eram somente destinados para pessoas mais jovens; ficando praticamente excluídos aqueles que não possuíam habilidades e competências técnicas de desenvolvimento físico e motor para a sua prática. Porém vivemos em constante processo de mudanças, que mostram que os velhos não são mais “jogados em qualquer canto”, ou protegidos por uma redoma de vidro em que se naturalizavam as diferenças sociais. Eles estão se tornando cada vez mais autônomos, e sujeitos de suas vidas, e a cada dia que passa o seu desempenho na sociedade, oportuniza novos desafios em suas trajetórias.

Hoje, enfrentamos o desafio de tornar o envelhecimento e a atividade física para os idosos um processo inclusivo. Com essas concepções, mergulhamos em um universo complexo e multicultural, onde a superação está sempre presente em diversas problemáticas nas particularidades dele decorrentes. A partir de tais reflexões precisamos amadurecer as mudanças, construídas pelas vivências, pela democratização humana e políticas de inclusão de todos, pensando no igual com direito às diferenças.

O que é ser velho então? Velhice conforme Veras (1994) “é um termo impreciso, e sua realidade difícil de perceber”. (p. 25) Analisando este conceito compreendemos que caracterizá-la é um tanto complicado pelas questões que a envolvem, ou seja, vai além dos limites da complexidade fisiológica, psicológica e social dos indivíduos. Pensando nestes fatores podemos identificar diferentes dimensões como: fisiológicas ou biológicas (envelhecimento do corpo, levando em consideração aspectos como a genética, a alimentação, entre outros); psicológica (envelhecimento da mente, relativo ao sistema cognitivo); e social (alterações nas atitudes perante uma sociedade ou cultura, destacada principalmente



por algum acontecimento marcante, como a aposentadoria e/ou o nascimento de netos) e espiritual. Segundo Wolff (2009):

Essa imagem de aparente fragilidade e de questionável feiúra tem levado a uma possível relação entre velhice e perdas, ou velhice e diminuição da vitalidade, ou ainda velhice e doenças. Porém isso não é necessariamente uma verdade, pois as funções cognitivas e emocionais não seguem necessariamente a deterioração do corpo físico. (p.16).

Diante do exposto, percebemos que muitos são os elementos que podem alterar o conceito de velhice, sejam estes internos ou externos. Existem diversos fatores que devem ser explorados e pesquisados, e um deles que nos chama a atenção, é a atividade física.

Podemos caracterizar atividade física como um conjunto de ações ou movimentos corporais que resultam, além de um gasto calórico, no bem-estar geral. Pesquisas apontam que os praticantes de atividades físicas conquistam corpos mais saudáveis, fortes, resistentes a quedas e diminuem a aquisição de doenças. A partir disso, melhoram sua auto-estima e a capacidade de relacionar-se com outras pessoas. Quanto aos idosos, Okuma (1998), afirma que:

Cada vez mais estudos vêm evidenciando a atividade física como recurso importante para minimizar a degeneração provocada pelo envelhecimento, possibilitando ao idoso manter uma qualidade de vida ativa. Visto que ela tem potencial para estimular várias funções essenciais do organismo, mostra-se não só um coadjuvante importante no tratamento e controle de doenças crônico-degenerativas (como diabetes, hipertensão, osteoporose), mas é também essencial na manutenção das funções do aparelho locomotor, principal responsável pelo desempenho das atividades da vida diária e pelo grau de independência e autonomia do idoso (p 51).

Logo, envelhecer necessita de permanente ressignificação, pois para a autora, “O impacto da velhice sobre o indivíduo dependerá de seus recursos internos e das normas e relações sociais as quais esta vinculada.” (p.14) Para muitos o ato de envelhecer aparece somente no corpo, pois na mente tudo continua indissociável, as práticas cotidianas e os processos vivenciados por movimentos sociais se transformam em um instrumento para superar as dicotomias criadas entre o pensamento e as ações. É evidente que a construção de uma identidade, como processo dinâmico, perpassa por toda a vida, como resultado das condições apreendidas em diálogo permanente com as funções biológicas, psicológicas, sociais, culturais e espirituais. Mas é na velhice que a dimensão existencial se destaca pela necessidade em encontrar os significados e sentidos das coisas. Sensações experimentadas na juventude associadas à beleza física, independência e força, vão se perdendo e não se sustentam mais. A lógica social da produção, reprodução, acúmulo de riquezas e do consumo, descartam aqueles que são mais velhos, ainda mais se eles possuem privações sociais e um baixo nível de conhecimento e usufruem de pouco afeto. Estas carências podem dificultar a percepção pessoal de seu processo pessoal de envelhecimento, interferindo no modo de constituir a identidade pessoal e coletiva.

Por outro lado, em muitos casos, as limitações físicas provenientes do processo de envelhecimento podem ser compensadas pelo desempenho psicológico e deste pelo social e o social pelo físico, modificando a relação do indivíduo com o tempo e, por conseguinte, sua relação com o mundo e com sua própria história. Porém é evidente, que este processo não é tão simples assim, especialmente para os mais



velhos que buscam a concretização de uma identidade referendada na cidadania e na ética social. Este contexto remete ao sujeito que envelhece desafiado a complexidade do mundo atual, que lhe proporcionou maior longevidade e pouca qualidade de vida (PY, 2004).

É diante deste fenômeno social, que por um lado observa uma maior longevidade humana e por outro negligencia os mais velhos, que estão os principais desafios para aqueles que pretendem transformar esta realidade. Portanto, é na velhice feliz e bem-sucedida que moram os novos desafios das políticas e dos programas que as concretizam. Sugerimos que estas ações devam observar também questões qualitativas, como a formação dos profissionais que gerenciarão e atuarão nestas novas frentes. E para os idosos, diferentes oportunidades que promovam e proporcionam o envelhecer com qualidade, respeitando as especificidades que caracterizam o processo de envelhecer (WOLFF, 2009).

Portanto, enfrentar e qualificar as novas velhices que se apresentam na contemporaneidade, necessita que nos apropriemos dos elementos e contextos que dela fazem parte. Um deles é o contexto urbano, historicamente organizado com a presença de praças, onde podemos identificá-las como um local de acesso público e gratuito e de relações humanas. Assim, a vivência coletiva deste espaço pode ensinar muito sobre respeito e cidadania. Para Gastaldo (2008):

(...) Em uma praça, nasceu a democracia. Cada praça é o resultado de um processo histórico, distante ou recente, cada praça traz em si as marcas do que um dia foi dando sentido à experiência de uma cidade e de cada um de seus habitantes. (p. 419).

Ocupar a praça também faz parte deste processo que precisa estar organizado e mantendo os espaços disponíveis. Logo, projetos e ações regulares nestes ambientes contribuem para a comunicação entre comunidade e poder público. Porém não basta conquistar o espaço é preciso manter e cuidar dos equipamentos de lazer. No foco específico da velhice, o fato de ocupar a praça jogando ou praticando outras atividades do âmbito do esporte, pode remeter a visualização de condutas positivas diante desta fase de desenvolvimento humano, oportunizando sabor ao tempo livre deste grupo de sujeitos que envelhecem que como as outras gerações, estão arraigadas no mundo do trabalho e do consumo exagerado.

Considerações metodológicas

De cunho qualitativo, este estudo de caso utiliza-se de entrevistas semi-estruturadas (visto que está em andamento) e observações de campo para a coleta de informações. Para Yin (2005) este tipo de estudo é utilizado em muitas situações para contribuir com o conhecimento que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais, políticos e de grupo.

Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos (YIN, 2005 p 32).



Em um primeiro momento foram entrevistadas senhoras com idade entre 55 e 74 anos, participantes do Grupo de Câmbio da Praça. As observações ocorrem durante a prática da atividade, que tem a frequência semanal, com duração de 1h30min. As colaboradoras do estudo até então, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), destacando o cuidado ético de preservação de suas identidades.

O contexto do estudo

Conforme depoimentos de idosos e professores vinculados ao grupo, a atividade iniciou em 2007, por reivindicação de idosos participantes de um programa de ação social da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, do município de São Leopoldo, Rio Grande do Sul.

Um fator intrigante é o fato de que, no programa não havia um local para a prática de exercícios em local aberto e arejado e era isso que os velhos buscavam. Solicitaram, portanto, um novo grupo no programa, que além dos exercícios praticados, oportunizasse ainda a prática do jogo de câmbio, em nível de iniciantes, pois para eles, na época, os grupos existentes já estavam muito avançados e competitivos.

Atendendo a solicitação, a coordenação do programa sugeriu como local do novo grupo, a Praça da Biblioteca, que além de ser próxima ao centro da cidade, localizava-se junto às paradas de ônibus e com fácil acesso.

Com o aval dos componentes do grupo a coordenação do Programa fez uma solicitação junto a Coordenadoria de Esportes (hoje Secretaria de Esportes e Lazer) do município de São Leopoldo, para a autorização e utilização do espaço para o projeto. Na ocasião, foi feita uma visita ao local, onde representantes do poder público e do programa, definiram o local mais adequado. Ao contrário do esperado, não foi a quadra poliesportiva existente a opção desejada, visto que ela estava em péssimas condições (piso irregular, muita incidência de sol e desprotegida) e sim um espaço amplo, embaixo de grandes árvores, com piso de areia grossa e com bancos no entorno. Observaram ainda que, entre as árvores existentes na praça era possível colocar a rede de vôlei e fazer a marcação da quadra na própria areia, de acordo com as necessidades do grupo. Outros itens considerados foram, a proximidade de banheiros e bebedouros de água, disponíveis no prédio da Biblioteca e um Posto de Saúde Pública, localizado a 50 metros da praça, para casos de urgência (LOPES, 2010).

A rotina da ação/reflexão

O grupo (professores e idosos) encontra-se na praça, uma vez por semana, no turno da tarde. Em caso de chuva as aulas são canceladas. Os participantes trazem água ou chimarrão e ficam reunidos, sentados nos bancos embaixo das árvores, até o horário de início das atividades, quando o professor com a ajuda dos próprios idosos, coloca a rede e marca a dimensão da quadra na areia.

A aula inicia com um alongamento, exercícios de mobilidade articular e em seguida são realizados exercícios com bola (lançar e receber). As equipes são divididas naturalmente, quando é realizado o jogo, em dois tempos de quinze minutos, ou mais, conforme a condição do grupo e temperatura do ambiente. Ao término do jogo é realizado um alongamento final e os idosos auxiliam o professor a retirar a rede e guardar o material. É importante destacar que o professor usa vestimenta que identifica o programa, e os idosos, por sua vez, fazem questão de utilizar a camiseta do grupo.

É importante destacar que durante o jogo muitas pessoas param para olhar o jogo. Outras se aproximam, sentam nos bancos e ficam observando ou até torcendo por algum participante ou time. Mães



trazem seus filhos para brincar próximo do grupo e outros transeuntes olham com certa surpresa ou até mesmo desconfiança.

O jogo

O câmbio é uma modalidade desportiva coletiva, similar ao voleibol, que objetiva levar a bola ao chão na quadra do adversário. O jogo organiza-se por equipes, formadas de no mínimo 9 jogadores, sendo que os 9 estarão posicionados no interior da quadra (mesma do voleibol) e se houverem mais participantes, estes deverão posicionar-se no lado externo da quadra, aguardando o rodízio para entrar em campo. O jogo poderá ser desenvolvido com equipes mistas, sendo sugerida a contagem de pontos por tempo: entre 10 e 15 minutos para cada lado.

Cada equipe ocupará meia quadra. Os nove jogadores de cada equipe dispostos na meia quadra, de frente para a rede, ocuparão os espaços demarcados nas seguintes posições.

Posição 1 – lado direito ao fundo da quadra;

Posição 2 – no meio ao fundo da quadra;

Posição 3 – lado esquerdo ao fundo da quadra;

Posição 4 – lado esquerdo da quadra atrás da linha de 3 metros;

Posição 5 – lado esquerdo da quadra, próximo a rede;

Posição 6 – centro da rede;

Posição 7 – lado direito da quadra, próximo a rede;

Posição 8 – centro de quadra.

Posição 9 – lado direito da quadra, atrás da linha de 3 metros.

Demais posições: 10, 11, 12... no lado de fora da quadra.

Para dar início ao jogo, após o sorteio da posse de bola, e os jogadores já posicionados, começará o jogo pelo jogador da posição oito que lançará a bola por cima da rede (sem saltar) para a quadra adversária. O lançamento, também chamado de saque será a bola arremessada, sempre por cima da rede, devendo ser respeitada a linha dos três metros pelo sacador. O executor do saque ao lançar a bola deverá ainda, dar a ordem de *câmbio* aos seus colegas de equipe. Dada a ordem de câmbio, todos os jogadores dessa equipe executam o rodízio.

Um dos elementos importantes do jogo que merece toda a atenção para que os participantes consigam aprender é o rodízio, ou a troca de posições na quadra. Este se dará toda a vez em que o jogador da posição oito arremessar a bola para a meia quadra oposta e gritar *câmbio*. No rodízio todos os jogadores trocam de lugar observando a ordem sequencial das posições saindo da quadra o jogador da posição nove (se houver mais de nove participantes na equipe) e entrando o jogador da posição doze, que ocupará a posição um.

Considerações e análises

Para uma objetiva análise do fenômeno que envolve a velhice, a prática do jogo e a praça pública, percebemos que ao refletir sobre esta ação/intervenção estamos realizando mais uma etapa de nosso



compromisso acadêmico e social, enfrentando com isso, os novos desafios que se apresentam ao produzir o conhecimento a partir da realidade vivenciada.

É fundamental, também, compreender o contexto em que se ocupa um lugar social, e onde será necessário exercer uma atividade. Aprender para construir-se, em um triplo processo de “hominização” (tornar-se homem), de singularização (tornar-se um exemplar único de homem), de socialização (tornar-se membro de uma comunidade, partilhando seus valores e ocupando um lugar nela). Aprender para viver com outros homens com quem o mundo é partilhado. (Charlot, 2000, p.53). Talvez o caminho para a aceitação do jogo de câmbio na comunidade, seja aprender a partilhar os seus valores, em que cada sujeito será ator principal e coadjuvante em algum momento de encontros e desencontros, assumindo a condição multicultural da qual fazem parte.

Com as reflexões levantadas nesse trabalho, e como resultados de análise parcial da pesquisa, percebemos que os sujeitos praticantes da atividade, optam pela mesma, pois acreditam ser agradável jogar ao ar livre, porque podem conviver com outras pessoas, conversar, fazer amizades entre outros benefícios, além da importância da prática para a qualidade de vida. Essas análises transpareceram nas falas dos praticantes da atividade que participaram do estudo, conforme exemplos a seguir:

“Que eu gosto, é ao ar livre, e é bom para encontrar os colegas.” (Dona J, 55 anos)

“Porque eu gostei, né, do esporte aqui, eu gostei.” (Dona O, 71 anos)

“Porque eu gosto, de fazer amigos, só.” (Dona H, 66 anos)

“Porque é livre, ao ar livre, embaixo das árvores que eu gosto, é livre.” (Dona L, 60 anos)

“Ah..., porque ele é saudável, bem fresquinho, bem saudável e os outros a gente faz no salão.”
(Dona M, 64 anos)

De acordo com os depoimentos, percebemos que o câmbio na praça proporciona além da prática de atividade física, o convívio social e o prazer de jogar. Neste sentido, reforça Rauchbach (1990), quando afirma que a prática de exercícios físicos prazerosos, é um excelente caminho para que as pessoas idosas se libertem de preconceitos, redescubram a alegria e a espontaneidade, reintegrando-se à sociedade e adquirindo novos valores.

Com essas reflexões parciais acreditamos, ainda, que o ato de jogar câmbio em uma praça pública, se torna um fator de estimulação a quem se identifica com curiosidade e tenta encontrar-se. As práticas sociais de encontrar colegas e amigos, conversar, rir, brincar, jogar e ou até debochar dos outros, se tornam excelentes fontes de desafios, pois o jogo proporciona o desenvolvimento do aprendizado em qualquer fase da vida humana, preparando para o enfrentamento de diversas situações, em atividades táticas e técnicas, exercitando habilidades e estimulando o convívio social, contribuindo para a qualificação das dimensões psicossociais e biológicas dos sujeitos que envelhecem. (WOLFF, 2009). É através da prática de atividades físicas que o idoso tem a oportunidade de ampliar o autoconhecimento, o descobrimento de suas capacidades e habilidades, e desenvolver sua autonomia.



Destacamos ainda que a continuidade desta investigação poderá trazer maiores elementos para a compreensão dos fenômenos que permeiam a compreensão do jogo de câmbio na praça e a perspectiva de seus praticantes, buscando novas relações e novas possibilidades, relacionando também o jogo com a cultura da comunidade inserida no contexto e as políticas de promoção da saúde dos sujeitos que envelhecem.

Frente ao exposto, resta a reflexão de que o “grupo de câmbio da praça” está desafiando a realidade existente, ocupando um espaço urbano muito importante, que é a praça, e contribuindo para a ressignificação das velhices que se apresentam na contemporaneidade.

Referências

BARBOSA, Felipe Soligno e CAMPAGNA, Josset. A animação sociocultural e o segmento idoso: reflexões e sugestões. *in* MARCELLINO, Nelson Carvalho (org) Lazer e Recreação: repertório de atividades por fases da vida. Campinas: Papyrus, 2006.

CARVALHO, Y. M. In: WOLFF, S. H. Vivendo e envelhecendo: recortes de práticas sociais nos Núcleos de Vida Saudável. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2009.

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber. Trad. Bruno Magne. PortoAlegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GASTALDO, Édison. Praça Pública *in* Prêmio Brasil de Esporte Lazer e Inclusão Social 1ª Edição: Coletânea de Premiados. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

LOPES, Peterson Abreu. Jogar, conviver e envelhecer: um estudo sobre o “Grupo de Câmbio da Praça”. Monografia de Conclusão de Curso. Educação Física. São Leopoldo: Unisinos, 2010

LUZ, T. Madel. Novos Saberes e práticas em saúde coletiva: Estudo sobre racionalidades médicas e atividades corporais. São Paulo: Editora Hucitec, 2007.

MAZO, Giovana; LOPES, Mariza Amorim; BENEDETTI, Tânia B. Atividade Física e o Idoso: Concepções Gerontológicas. Porto Alegre: Sulina, 2001.

OKUMA, Silene S. O idoso e a atividade física: fundamentos e pesquisa. Campinas: Papyrus, 1998.

PRÓ-MAIOR. Projeto de Ação Continuada: 2010 - 2011. Gerência de Ação Social. Unisinos, novembro de 2010.

PY, Ligia (Org). Finitude: uma proposta para reflexão e prática em Gerontologia. Rio de Janeiro: NAU, 1999.

RAUCHBACH, Rosemary. A atividade física para a 3ª idade. 1. ed. Curitiba: Lovise, 1990.



IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

VERAS, Renato P. País jovem com cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

WOLFF, Suzana Hübner. Envelhecimento bem-sucedido e políticas públicas *in* WOLFF, Suzana Hübner (org). Vivendo e envelhecendo: recortes de práticas sociais nos Núcleos de Vida Saudável. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2009.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

Contatos:

suzanaw@unisinos.br

cbock@unisinos.br

gabrielalummertz@hotmail.com

Endereço:

Grupo de Pesquisa em Esporte, Saúde e Qualidade de Vida – GPES

Curso de Educação Física

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Av. UNISINOS, 950 Bairro Cristo Rei

CEP 93 022 000

São Leopoldo – RS

Fone: 3590 87 76

Recurso tecnológico necessário para Comunicação Oral: projetor e computador.